

Ecoss de modernidade em contos de Kate Chopin

Rosemary Elza Finatti¹

Resumo

O presente artigo propõe uma análise temática e estrutural dos contos *Uma mulher de respeito* e *O temporal*, de Kate Chopin que tange ao aspecto inovador da ficção chopiniana. Nos contos analisados, a ousadia das heroínas e a estratégia narrativa dos desfechos abertos articulam uma pluralidade semântica notadamente moderna para o século XIX, evidenciando o viés transgressor da escrita *avant la lettre* da autora. Para tanto, a fundamentação teórica será norteadada pelos pressupostos de Umberto Eco sobre o conceito de obra aberta, pelos apontamentos de Massaud Moisés acerca dos desenlaces abertos bem como pelas considerações de Per Seyersted, Bernard Kolosky, Aparecido Donizete Rossi entre outros teóricos a respeito da contística de Kate Chopin.

Palavras-chaves: Kate Chopin; *Uma mulher de respeito*; *O temporal*; desfecho aberto.

ECHOES OF MODERNITY IN KATE CHOPIN'S SHORT STORIES

Abstract

This article proposes a thematic and structural analysis of the short stories *Uma mulher de respeito* and *O temporal*, by Kate Chopin with regard to the innovative aspect of Chopinian fiction. In the short stories analyzed, the boldness of heroines and the narrative strategy of open endings articulate a remarkably modern semantic plurality for the nineteenth century, highlighting the transgressive bias of the author's writing *avant la lettre*. To this end, the theoretical foundation will be guided by Umberto Eco's assumptions about the concept of open work, by Massaud Moisés' notes about open-ended outcomes, as well as by the considerations of Per Seyersted, Bernard Kolosky, Aparecido Donizete Rossi among other theoreticians about Kate Chopin's contistics.

Keywords: Kate Chopin; *A respectable Woman*; *The Storm*; open-end.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Araraquara, SP. E-mail: rosefinatti@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0605-401. Researcher ID: D-7748-2019. E-mail: rosefinatti@gmail.com

Introdução

Reconhecida entre os críticos pelo teor ousado e subversivo de suas narrativas, Kate Chopin (1850-1904) consagrou-se como uma autora à frente de seu tempo, destacando-se como uma das principais representantes do Realismo americano do século XIX. A coragem de retratar temas tabus como o preconceito racial, o divórcio e a infidelidade feminina apontam para uma escrita profundamente crítica, que prima por revelar a natureza humana por trás das máscaras sociais. Considerando o curto período de tempo em que dedicou-se à carreira de escritora, a produção literária de Kate Chopin é bastante significativa e constitui-se de contos, poemas, traduções, romances e ensaios críticos.

Apesar da variedade de gêneros literários, é notável a quantidade de contos que compõe o multiverso ficcional da autora, uma vez que ela escreveu mais de cem histórias publicadas em duas coletâneas, em jornais e revistas renomadas da época, além de outros que vieram a público postumamente, através de obras completas produzidas por seus biógrafos. Fascinada pelas histórias de Guy de Maupassant, a escritora traduziu vários contos do autor do francês para o inglês. Influenciada por seu estilo artístico, “[...] ela trouxe para o conto americano a clareza irônica e a economia formal do conto francês”² (LOHAFER, 2009, p. 157, tradução nossa).

A expressividade literária chopiniana evidencia sobretudo o aspecto inovador de suas obras, inovação que se revela através do universo feminino de heroínas corajosas e questionadoras. Tal abordagem temática é bastante subversiva considerando o contexto social moralizado final do século XIX, período em que a condição feminina era regida pela ideologia patriarcal que ditava

as regras de conduta da mulher, cuja premissa pautava-se nas obrigações do lar, na dedicação ao marido e aos filhos e na abnegação de si mesma em nome da família.

A análise dos contos *A Respectable Woman* e *The Storm* pretende demonstrar a relação entre os aspectos temáticos e estruturais no que se refere à autoafirmação das heroínas e as estratégias textuais marcadas pela ironia, pela ambiguidade e por desfechos abertos. A partir de tais elementos, é possível delinear o viés transgressor da escrita da autora e compreender “até que ponto uma mulher pode desconsiderar as restrições sociais que restringem o seu próprio desenvolvimento e sua autorrealização”³(FLUCK, 1982, p. 153, tradução nossa) percorrendo a travessia entre o que é convencionalmente aceito e o caminho proibido. Enquanto em *Uma mulher de respeito*, a protagonista hesita em ultrapassar a barreira que separa “uma mulher de respeito” e a possibilidade de envolver-se com o melhor amigo de seu marido, no conto *O temporal* a heroína Calixta torna-se uma esposa infiel sem nenhuma culpa ou punição. Assim, ambas as narrativas assinalam o “[...] eterno dilema da maioria dos personagens da obra de Kate Chopin entre seguir os próprios impulsos ou seguir as regras impostas pela sociedade, ou seja, ser o sujeito ou o objeto da própria história” (SILVESTRE, 1997, p. 85), dilema que a autora retrata com o intuito de revelar os anseios femininos de liberdade e autoafirmação, contestando os valores da cultura patriarcal e a condição feminina na sociedade *fin de siècle*.

A ousadia de *Uma mulher de respeito*

Escrito em 20 de janeiro de 1894, o conto *Uma mulher de respeito* foi publicado pela primeira vez na revista *Vogue*, em 15 de fevereiro de 1894 e

2 “[...] she brought to the American tale the wry clarity and formal economy of the French conte”.

3 “How far can a woman go in disregarding social restraints which restrict her own development and self-fulfillment”.

republicado posteriormente na primeira coletânea de contos de Kate Chopin, *A Night in Acadie* (1897). Na história, a Sra. Baroda começa a sentir atração pelo melhor amigo do marido, Gouvernail. Ao visitar a casa do casal, a protagonista sente-se incomodada com a presença dele, imaginando possíveis defeitos para não correr o risco de apaixonar-se por ele. A Sra. Baroda deixa claro ao marido que a presença de seu melhor amigo lhe aborrece. Sem compreender o verdadeiro motivo que perturba sua esposa, Gaston se surpreende com o comportamento dela

Gaston segurou o belo rosto de sua esposa com as duas mãos e olhou com ternura e afeição para os olhos preocupados dela. Eles estavam se arrumando juntos no quarto de vestir da senhora Baroda.

– Você é cheia de surpresas, *ma belle*, – disse ele – nem eu consigo prever como você vai reagir em certas ocasiões. Ele a beijou e continuou ajeitando sua *cravat* diante do espelho (CHOPIN, 2015, p. 303).

No começo, a Sra. Baroda estava relutante com a presença de outra pessoa em sua casa, pois queria poder ficar a sós com o marido. Entretanto, o sentimento perturbador que nutria por Gouvernail se transforma em atração e, para resistir à tentação, ela passa uns dias na casa de parentes. Entretanto, no momento em que ambos ficam sozinhos à noite, Gouvernail lhe entrega um cachecol a pedido do marido. A fim de envolvê-la numa atmosfera romântica, ele cita os versos do poema *Canto a mim mesmo* (1856), de Walt Whitman. O trecho que cita do poema revela a intenção sedutora do personagem que diz “noite dos ventos vindos do sul – noite das estrelas grandes e raras! Ainda assim noite que me acena” (CHOPIN, 2015, p.304). Entretanto, Gouvernail omite alguns versos com o intuito de chamar a atenção da Sra. Baroda, uma vez que

a apóstrofe torna-se cada vez mais interessante depois que o leitor acrescenta as frases que precedem e seguem aquelas escolhidas por Gouvernail. A técnica de omissão de Chopin aqui era bastante consciente: ela obviamente conhecia os versos que vieram antes daqueles que ele citou, e provavelmente esperava que seus leitores reconhecessem nuances que nos anos de 1890 [Chopin] não poderia expressar abertamente ⁴(DYER, 1981, p. 48, tradução nossa).

Dessa forma, a omissão dos versos *aperte mais, noite nutriz magnética!, alucinada noite nua de verão!* (WHITMAN, 1856, p. 24) remete ao prazer sensual que a escuridão e o céu estrelado proporcionam, ilustrando seu desejo de conquistar a esposa do melhor amigo. A Sra. Baroda, por sua vez, sente-se atraída por ele e “em meio à escuridão, teve vontade de tocar os lábios e o rosto dele com a ponta delicada de seus dedos” (CHOPIN, 2015, p.305). Contudo, ela não demonstra seus sentimentos, pois tem consciência de que é uma mulher de respeito e, por esse motivo, reprime seus impulsos em nome das convenções sociais.

No conto, o nome de solteira da protagonista não é mencionado pelo narrador, representando o apagamento da mulher como sujeito independente. Dessa forma, há uma analogia entre a dependência financeira e também emocional da Sra. Baroda pelo marido Gaston, uma vez que ela não consegue lidar com o desejo que sentia por Gouvernail, pensando até mesmo em contar a ele a “loucura” de tal sentimento. Porém, ela resolve lidar com a situação com sensatez, mostrando a postura que se espera de uma mulher casada. Assim, a ideia de agir como “uma mulher de respeito”, ideia que intitula o conto, representa a voz do patriarcado e as exigências em relação aos valores de submissão e fidelidade reservados às mulheres.

4 The apostrophe [...] becomes increasingly after the reader supplies the phrases that precede and follow those chosen by Gouvernail: “Press close bare bosm’d night...”; ‘mad naked summer night [...] Chopin’s technique of omission here was quite conscious: she obviously knew the lines that came before those she quoted, and she probably hoped her readers would recognized nuances which in the 1890 [Chopin] might not openly express.

O conto como obra aberta

O desfecho do conto é marcado por tonalidades irônicas, pois Sra. Baroda expressa interesse ao marido para convidar Gouvernail para visitá-los novamente, sugerindo a possibilidade de realizar seus desejos na próxima vez em que eles estiverem sozinhos

[...], antes do final do ano, ela mesma sugeriu convidar Gouvernail para visitá-los novamente. O marido ficou surpreso e feliz de o convite ter vindo dela. – Ah, – disse ela rindo após dar um beijo longo e apertado nele – eu já superei! Você vai ver. Dessa vez vou tratá-lo muito bem (CHOPIN, 2015, p. 305).

Nesse sentido, o desfecho assinala o valor polissêmico da fala da protagonista, uma vez que a última palavra é dita por ela, abrindo ao leitor diferentes nuances interpretativas. A presença do advérbio *muito* intensifica a possibilidade de um encontro íntimo entre eles, pois ela pretende tratá-lo muito bem na próxima visita, sugerindo a possibilidade de continuação da história.

Dentro dessa perspectiva, é possível inferir que o conto apresenta traços de uma obra aberta “[...], isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração a sua irreproduzível singularidade” (ECO, 2003, p.40). A ideia de obra aberta proposta pelo teórico italiano Umberto Eco ressoa em todos os tipos de obras de arte – na literatura, na música, na pintura, na escultura – pois, na verdade, são passíveis de várias leituras sobretudo porque trata-se de algo inacabado, um objeto aberto a várias interpretações do receptor. No entanto, no texto literário objeto de análise deste trabalho, a abertura é entendida como o tom ambíguo na significação que sugere que a narrativa não termina no final da história, pois “[...] a vontade de comunicar de modo ambíguo e aberto influi na organização total do discurso, determinando sua fecundidade sonora,

sua capacidade de provocação imaginativa” (ECO, 2003, p. 91).

Outra característica que ilustra a ideia de continuidade da história é a recorrente repetição de personagens nas obras de Kate Chopin. O personagem Gouvernail aparece em duas obras publicadas posteriormente, no conto *Athénaïse* (1895) e no romance *O despertar* (1899). É interessante observar que a personalidade misteriosa e sedutora do personagem se sobressai em todas as obras, uma vez que Gouvernail representa um dos personagens mais fascinantes de Kate Chopin, inspirado, [...], em alguns dos jornalistas sofisticados que Chopin conheceu em St. Louis enquanto escrevia suas histórias [...]”⁵ (KOLOSKY, 2009, p. 193, tradução nossa). Nesse sentido, Gouvernail despertou o interesse da Sra. Baroda por apresentar-se como um homem “sensível, bem apessoado, admirador da beleza feminina, observador contumaz e adepto do liberalismo em casos que envolvam relacionamentos extraconjugais [...]” (ROSSI, 2006, p. 149). Tais atributos contribuem para a mudança repentina da conduta da heroína do conto.

A forma inconclusa do desfecho em *Uma mulher de respeito*, que o caracteriza como uma obra aberta ao sugerir a possibilidade da sequência dos episódios narrativos, revela o aspecto inovador da ficção da autora, cujas estratégias narrativas engendram diferentes significados, uma vez que

não se pode analisar a contística de Kate Chopin sem considerar a forma conclusiva de suas narrativas. Isto é, seus contos têm *open-end*, o que ajuda, muitíssimo, na construção da temática, na extensão ideológica que permeia o discurso. Desta forma, Chopin rompeu com a visão ortodoxa do fazer literário, ela antecipou na narrativa a linguagem enigmática, aquela que alude mas não define, que tangencia deixando ao leitor os julgamentos, os fechamentos, a conclusão. Mrs. Baroda em *A Respectable Woman*, exemplifica com perfeição esse traço na narrativa de Chopin [...] (MOREIRA, 2003, p.128).

⁵ “[...] is one of Kate Chopin’s most fascinating men, modeled, I assume, on some of the sophisticated journalists Chopin knew in St. Louis as she was writing her stories”.

A presença de elementos textuais como ironia, ambiguidade e linguagem enigmática atribuem ao texto literário uma pluralidade semântica cujo sentido deve ser decifrado pelo leitor, peculiaridade inerente à escrita subversiva da autora.

O viés transgressor de *O temporal*

No universo feminino chopiniano,

enquanto algumas heroínas de Kate Chopin já conseguem transcender suas condições limitadas e tomar atitudes mais arrojadas e revolucionárias, outras ainda ficam divididas entre tomar atitudes inovadoras ou seguir as leis sociais (SILVESTRE, 1997, p. 10).

O desfecho enigmático em *Uma mulher de respeito* sugere a possibilidade de traição, a travessia entre a fronteira do permitido e do proibido. Já no conto *O temporal*, a heroína Calixta atravessa a fronteira e consome o adultério com uma naturalidade surpreendente para o contexto social da virada do século. Nesse viés transgressor, entre todas as obras que compõem o multiverso ficcional de Kate Chopin, *O temporal* situa-se como o conto mais audacioso ao apresentar, talvez, a heroína mais revolucionária da autora. Intitulado de conto erótico por alguns críticos, trata-se de “uma breve história que mostra a sua atitude completamente distanciada dos conceitos morais usualmente aceitos. Consciente de quão ousada ela tinha sido neste conto, ela nunca tentou publicá-lo”⁶ (SEYERSTED, 1980, p. 164, tradução nossa). Escrito em 19 de julho de 1898, o conto foi publicado postumamente na obra *The Complete Works of Kate Chopin*, pelo biógrafo norueguês Per Seyersted, em 1969, depois de ter sido ignorado por Daniel Rankin, o primeiro biógrafo da autora que possivelmente o considerou impróprio para o público da época. Além da ousadia temática, o

6 “[...] a brief story which shows her completely detached attitude toward generally accepted moral ideas. Quite aware of how daring she had been in this tale, she never tried to published it [...]”;

conto destaca-se pelo valor inaugural na literatura americana de autoria feminina, sobretudo porque

[...] é o conto mais inovador da autora em termos temáticos, a obra que possivelmente funda a contística feminina do século XX e que concretiza, no universo literário, uma das principais lutas empreendidas pelo Feminismo de todos os tempos: a emancipação feminina [...] (ROSSI, 2011, p. 321).

O temporal é a sequência do conto *No baile acadiano*. Passados cinco anos que Calixta e Alcée Laballière trocaram alguns beijos apaixonados, ambos seguiram caminhos diferentes. O conto apresenta a história de infidelidade feminina que ocorre durante uma forte tempestade, no momento em que o marido e o filho da protagonista ficam presos na cidade aguardando a tempestade passar. Alcée a cavalo pede abrigo à Calixta em sua casa. Apesar de ambos serem casados, o desejo do passado reascende, culminando em uma relação sexual descrita com muita paixão e naturalidade, que ocorre na cama de Calixta.

O título do conto apresenta um duplo sentido, que evidencia, na verdade, duas tempestades. A primeira, refere-se ao fenômeno da natureza e a segunda, alude ao desejo irresistível que reacende a chama da paixão entre os amantes. O momento íntimo é regido pelo ritmo do temporal. O valor simbólico que conecta natureza e sexo também se relaciona com a forma imprevisível que ocorreu o encontro entre os dois, pois

obviamente, não só o adultério é aqui retratado como não premeditado, mas também como algo que ultrapassa o casal, uma força tão irresistível como a tempestade, tão implacável para além do domínio da escolha como a própria natureza⁷ (STEIN, 2003, p. 59, tradução nossa).

Dessa forma, a chuva torrencial, os raios e os trovões imitam os impulsos sexuais de Alcée

7“Obviously not only is the adultery portrayed here as unpremeditated, but it is also portrayed as something that overtakes the pair, a force as irresistible as the storm, as implacable beyond the realm of choice as nature itself”.

e Calixta assim como o êxtase do prazer termina com o fim da tempestade.

Diferentemente do primeiro conto analisado, em *O temporal* não há referência ao nome de casada de Calixta, sugerindo que o casamento não lhe tirou a liberdade de solteira, liberdade que se revela pelo erotismo que envolve a narrativa livre das amarras patriarcais, sobretudo na cena de intimidade entre Calixta e Alcée, descrita com uma intensidade lírica que assinala o prazer sem culpa ou punição

Ela foi uma revelação divina, naquele quarto cheio de penumbra e mistério; branca como a cama em que se deitou. Sua carne firme e flexível, que pela primeira vez conhecia um direito natural seu, era como um lírio branco que o sol convida a contribuir com seu sopro e perfume para a imorredoura vida deste mundo (CHOPIN, 2011, p. 51).

A sensualidade do encontro entre os amantes revela que “a autora concentra-se antes nas delícias do *sexe pur*. Não há nada a esconder neste prazer nu”⁸ (SEYERSTED, 1980, p. 166, tradução nossa, grifo do autor). Considerando o contexto social e as implicações negativas que uma mulher sofreria por trair o marido, a autora desarticula os valores morais e não pune a heroína por buscar o prazer sexual fora do casamento. Assim, a infidelidade feminina é retratada como um ato natural, como um direito da mulher que não acarreta consequências ou julgamentos. Nesse sentido, é interessante observar o viés transgressor da escrita chopiniana ao abordar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, ao mesmo tempo, legitimar o prazer sexual em uma relação extraconjugal.

Na ideologia patriarcal e nas concepções religiosas da cultura judaico-cristã, o prazer sexual feminino é veementemente relacionado ao pecado, pois a mulher deve anular-se em nome do casamento e da maternidade. Desconstruindo tais paradigmas, Kate Chopin articula a emancipação feminina por meio da ousadia de sua heroína de uma forma

⁸“The author concentrates instead on the delights of *sexe pur*. There is nothing to hide in this naked pleasure”.

completamente desprendida de moralismos, uma vez que

Os amantes se fundem no prazer, e não há perdas ou ganhos nessa fusão, mas apenas o prazer, o igualar-se no prazer. Isso que parece ser tão óbvio e comum no atual contexto do século XXI não o era, em absoluto, no contexto do século XIX e em todos os séculos anteriores, pois a sociedade patriarcal foi construída para garantir o prazer pelo prazer ao homem e só ao homem, e não à mulher (ROSSI, 2011, p. 337-338).

A partir de tais pressupostos, é interessante observar que o conto trata abertamente da temática do erotismo feminino associando os impulsos sexuais à força incontrolável da natureza. Para tanto, o campo semântico é composto por elementos simbólicos ligados à sensualidade tais como o corpo de Calixta comparado a um lírio branco, o personagem Alcée chegando *acavalado*, a *chuva torrencial*, o *calor sufocante*, os *seios firmes e volumosos* os *lábios vermelhos e úmidos como sementes de romã* da protagonista, os *ombros musculosos* de Alcée, a *penumbra*, o *mistério* e a *cama branca* do quarto da heroína de Chopin onde os amantes se rendem ao prazer. Desse modo, o simbolismo do conto revela que

Kate Chopin não estava interessada no que diz respeito ao imoral propriamente dito, mas na vida como ela é, no que ela considerava como expressões naturais – ou certamente inevitáveis – do Eros universal, dentro ou fora do casamento⁹ (SEYERSTED, 1980, p. 168, tradução nossa).

A estrutura moderna do conto: o desenlace aberto

Depois das duas tempestades, a da natureza e a do desejo, a expressividade poética da forma como a vida seguiu seu curso, com o brilho do sol surgindo depois do encontro entre os amantes

⁹“Kate Chopin was not interested in the imoral itself, but in life as it comes, in what she saw as natural - or certainly inevitable - expressions of universal Eros, inside or outside of marriage”.

atenua o peso do significado da traição para a sociedade da época, revelando a beleza do sexo e o prazer como uma celebração da natureza

A chuva passou, e o sol transformara o mundo verde e brilhante em um palácio de pedras preciosas. Calixta, na varanda, ficou vendo Alcée ir embora a cavalo. Ele se virou e, com o rosto radiante, sorriu para ela; ela ergueu o seu lindo queixo no ar e riu e gargalhou (CHOPIN, 2011, p. 51).

A maneira como os amantes se despedem imprime a ideia de possíveis reencontros entre eles. Alcée volta para casa e escreve uma carta à esposa Clarisse, sugerindo que ela ficasse mais tempo com os parentes. Clarice sente-se satisfeita com a liberdade de passar um tempo longe do marido. E Calixta, por sua vez, prepara o jantar para Babinôt e Bibi com uma alegria expressiva, continuando seus afazeres sem se incomodar com o que aconteceu durante a tempestade.

Além da transgressão temática expressiva do enredo, a narrativa apresenta uma estrutura notadamente inovadora, pois o desfecho mantém aberta a textualidade ao concluir que “assim, o temporal passou e todos estavam felizes” (CHOPIN, 2011, p. 53), fazendo alusão a uma possível continuação da história. O desenlace aberto, recorrente em vários contos da autora, é uma estrutura característica do conto moderno, visto que

[...] quanto ao epílogo fechado, nota-se que o conto tradicional mostra como os conflitos foram resolvidos, as personagens alcançaram seus objetivos ou aceitaram o malogro, os fios do enredo são reunidos e enlaçados. *O desenlace aberto*, ao contrário, interrompe-se em pleno ar. Os conflitos não são resolvidos. O leitor supõe que a história ultrapassa os limites ficcionais. As personagens continuam suas vidas – de que alguns episódios foram apresentados na história. [...] *no conto moderno*, seja à Tchecov, seja o mais próximo da crônica, *o epílogo tende a ser aberto*, ou, quando não, mais ou menos fechado (MOISÉS, 1967, p. 84, grifo nosso).

Considerando *O temporal* como um dos últimos contos da autora escrito ainda no século

XIX, vale ressaltar o valor revolucionário tanto na questão temática como em relação à estrutura, o que ilustra a modernidade, a pluralidade e o viés crítico da escrita chopiniana. No tocante ao desfecho, é interessante observar que a história

abre-se para o universo do leitor e não se fecha, constituindo então a manifestação do processo aberto e infinito de gerar e subverter significados que aqui objetiva desarticular o universo patriarcal, ao instaurar, no narrador, um ponto de intersecção entre o universo ficcional do conto e o universo real do leitor (ROSSI, 2007, p. 2).

Na literatura de autoria masculina, a punição reservada às esposas infiéis é a morte trágica. Tal destino das mulheres é encontrado em obras clássicas da literatura mundial, como na obra-prima de Flaubert *Madame Bovary*, em *Ana Karênina*, de Leon Tolstói, entre outras. Ao construir uma heroína com o impulso de satisfazer seus desejos em uma relação extra conjugal com o melhor amigo do marido, no caso de Sra. Baroda e que comete o adultério em plena luz do dia no quarto da própria casa, como Calixta, Kate Chopin liberta suas heroínas das amarras patriarcais e rompe os paradigmas impostos à condição feminina, delineando o cunho crítico e desarticulador da literatura de autoria feminina.

O conto mais polêmico da autora é sobretudo, o mais poético e expressa a intensidade de seu estilo literário, o valor artístico e a originalidade de sua ficção. O desejo entre Calixta e Alcée, que nasceu em *Um baile acadiano*, enfim manifesta-se plenamente, visto que

Há cinco anos que cumprem as suas responsabilidades para com as suas famílias e as suas comunidades, e nada na história sugere que não o continuarão a fazer. Mas, por enquanto, durante a tempestade, o que importa são as suas necessidades, as suas paixões, a sua individualidade, a sua personalidade. *O temporal* é uma obra alegre, uma obra esperançosa, uma obra contemporânea, uma obra franco-americana, – Kate Chopin no seu melhor (KOLOSKI, 2009, p. 198).

A celebração do prazer sem danos ou prejuízos representada em *O temporal* revela a ousadia da autora e a pertinência por retratar em suas obras o anseio feminino por autorrealização. Em 1969, o conto veio a público pela primeira vez na obra *The Complete Works of Kate Chopin* e desde então tem sido símbolo de ousadia e liberdade, assegurando à Kate Chopin o título de precursora do movimento Feminista americano.

Considerações finais

Kate Chopin atravessa as barreiras patriarcais e chega muito mais longe do que os leitores e os críticos poderiam imaginar, pois os contos analisados revelam uma escritora *avant la lettre* que demonstrou sua coragem e ousadia estilística, cujas heroínas não são punidas ou sentem culpa por percorrerem o caminho transgressor da busca por autoafirmação. Além disso, os contos revelam um fazer literário inovador, marcado pela estrutura narrativa aberta, notadamente irônica e ambígua, permitindo infinitas significações.

Considerando o cenário puritano do século XIX, pode-se concluir que os contos da autora ultrapassam tanto os limites ficcionais como também desarticulam o ideário patriarcal.

Referências

- CHOPIN, Kate. *Uma mulher de respeito*. Trad. Ana Rita Caldart. Revista Literária em Tradução. Ano VI-2º Vol. dez./2015– Revista bilingue semestral – Brasil. Disponível em https://www.dropbox.com/s/24rudo43br9b3pv/n.t.Revista_Literaria_em_Traducao_n_11.pdf. Acesso em 12 abr. 2019.
- CHOPIN, Kate. *O temporal*. Trad. Denise Mariné. In: Kate Chopin: contos traduzidos e comentados. Estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.
- CHOPIN, Kate. *O despertar*. Trad. Carmen Lúcia Foltran. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHOPIN, Kate. *Athenáise*. Trad. Felix Nonnenmacher. In: Kate Chopin: contos traduzidos e comentados. Estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.
- CHOPIN, Kate. *No baile acadiano*. Trad. Denise Mariné. In: Kate Chopin: contos traduzidos e comentados. Estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.
- DYER, Joyce. *Gouvernail, Kate Chopin's Sensitive Bachelor*. The Southern Literary Journal 14, no. 1 (1981): 46-55. <http://www.jstor.org/stable/20067777>. Acesso em 18 jun. 2019.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- FLUCK, Wrinfried. *Tentative Transgressions: Kate Chopin's Fiction as a Mode of Symbolic Action*. Studies in American Fiction: 10:2 (1982: Autumn) p. 151.
- LOHAFFER, Susan. *Kate Chopin and the Future of Short Fiction Studies*. In: Awakenings: The Story of Kate Chopin Revival. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 2009a (Southern Literary Studies).
- KOLOSKI, Bernard. (ed.). *Awakenings: The Story of the Kate Chopin Revival*. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 2009 (Southern Literary Studies).
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária (Prosa I)*. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa (PB): Editora Universitária/UFPB, 2003.

ROSSI, Aparecido Donizete. *A desarticulação do universo patriarcal em The Awakening, de Kate Chopin*. 2006. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91595/rossi_ad_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 16 abr. 2019.

ROSSI, Aparecido Donizete. *Segredos do Sóião: Feminismo e Escritura na obra de Kate Chopin*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102372/rossi_ad_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 10 mai. 2019.

ROSSI, Aparecido Donizete. *Uma morte irônica: the story of an hour, de Kate Chopin*. Universidade Estadual de Santa Catarina: Seminário Mulher, 2007. Disponível em <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/APARECIDO%20DONIZETE%20ROSSI.pdf>. Acesso em 21 mai. 2019.

SEYERSTED, Per. *Kate Chopin: A Critical Biography*. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1980.

SILVESTRE, Marcela Aparecida Cucci. *A personagem feminina como vítima ou agente da ironia no conto de Kate Chopin*. 1997. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Teoria Literária) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto.

STEIN, Allen. *The Kaleidoscope of Truth: A New Look at Chopin's 'The Storm'*. American Literary Realism, vol. 36, no. 1, 2003, pp. 51–64. Disponível em

www.jstor.org/stable/27747120. Acesso em 12 jun. 2019.

TOLSTÓI, Leon. *Ana Karênina*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1856.

Submissão: 22 de junho.

Aceite: 23 de julho.